

Jubileu – O que é? O que nos diz?

Uma leitura a partir da exegese dos estudiosos da bíblia e uma leitura para os nossos dias, quando o Papa Francisco nos propõe o ano do JUBILEU em 2025

Vejam como Lucas nos apresenta o programa de Jesus de Nazaré no seu Evangelho, na sua boa notícia, a partir da vida do Cristo Re (Suscitado) pelo Pai.

Lc, 4, 16-21

¹⁶Veio a Nazaré, onde tinha sido criado. Segundo o seu costume, entrou em dia de sábado na sinagoga e levantou-se para ler.

¹⁷Entregaram-lhe o livro do profeta Isaías e, desenrolando-o, deparou com a passagem em que está escrito:

¹⁸«O Espírito do Senhor está sobre mim,
porque me ungiu

para anunciar a Boa-Nova aos pobres;
enviou-me

a proclamar a libertação aos cativos
e, aos cegos, a recuperação da vista;
a mandar em liberdade os oprimidos,

¹⁹a proclamar um ano da graça da parte do Senhor.»

²⁰Depois, enrolou o livro, entregou-o ao responsável e sentou-se. Todos os que estavam na sinagoga tinham os olhos fixos nele. ²¹Começou, então, a dizer-lhes: «Cumpru-se hoje esta passagem da Escritura, que acabais de ouvir».

É, assim, que Lucas apresenta o anúncio da missão de Jesus de Nazaré.

Antes de nos debruçarmos **sobre o que Jesus de Nazaré diz** na sinagoga de Nazaré, **vejamos o que Ele não diz**. De facto, esta passagem do livro de Isaías no seu capítulo 61, 1-2 não está completa. Vejamos o que, propositadamente, Jesus não leu: parte final do versículo 2 “*para proclamar um ano da graça do SENHOR, o dia da vingança da parte do nosso Deus*”;

E isto é paradoxal. Cortou o versículo a meio e disse: “*Cumpru-se hoje esta passagem da Escritura que acabais de ouvir*” e não se reconheceu “*no dia da vingança por parte do nosso Deus*”, também do seu Deus, o “*Abba*”.

Todos os estudos bíblicos modernos, centrados na interpretação (exegese) deste episódio, são unânimes em esclarecer que Jesus se queria referir ao JUBILEU, ao mandamento do AMOR, a um tempo favorável que era celebrado de 50 em 50 anos.

Mas o que é isto de JUBILEU? O que é que nos diz?

É o mandato divino do descanso memorial. O **Shabat** (do hebraico שבת, **shabāt**; *shabos ou shabes na pronúncia asquenazita, "descanso/inatividade"*). Um descanso memorial, com o forte significado de “puxar” pela nossa memória.

Este mandato divino na Antiga Aliança/Antigo Testamento (AA/AT) é-nos apresentado de 3 formas ou enquadramentos e como maneiras para a realização do **Shabat**.

Havia um descanso memorial de 7 em 7 dias – o sábado (o **Shabat** numa leitura literal);

Havia um descanso memorial de 7 em 7 anos – o pousio das terras;

Havia um descanso memorial depois de 7 semanas de 7 anos – o 50º ano – o **Jubileu** que é uma palavra de origem hebraica **yovel**, a qual se refere a carneiro. No ano do **yovel** era usado o chifre do carneiro como trombeta para anunciar a toda Israel o início do ano jubileu.

Aqui chegados, porque será que Deus pediu ao seu povo para descansar e fazer memória ao 7º dia, aos 7 anos, aos 50 anos?

Poderíamos inventariar algumas possíveis respostas a um inquérito à porta da igreja e ao fim da missa, sobre a razão por que se descansa ao domingo. Ouviríamos, assim penso, respostas parecidas com

os exemplos abaixo, quer provenientes duma abordagem do senso-comum, quer de cristãos batizados com Fé não amadurecida:

Exemplo 1: Para as pessoas estarem com os seus familiares, descansar depois de uma semana de trabalho e stress (é bom sabermos que na época não havia stress);

Exemplo 2: Para rezarem, para escutarem o Senhor, para irem ao Templo, como se Deus fosse carente....

Não e Não!

Encontremos a explicação:

I – Para o **Shabat** do 7º dia

Está em Deuterónimo 5, 12-16

¹²Guarda o dia de sábado para o santificar, como te ordenou o SENHOR, teu Deus. ¹³Trabalharás durante seis dias e neles farás todos os teus trabalhos; ¹⁴mas, o sétimo dia é o sábado do SENHOR, teu Deus: não farás trabalho algum, nem tu, nem os teus filhos e filhas, nem o teu escravo ou escrava, nem o teu boi, o teu jumento ou qualquer outro animal, nem o estrangeiro que está dentro das tuas portas, para que o teu servo e a tua serva descansem como tu. ¹⁵Lembra-te que foste escravo na terra do Egito, donde o SENHOR, teu Deus, te tirou com mão forte e braço estendido. Por isso te ordenou o SENHOR, teu Deus, que guardasses o dia de sábado. ¹⁶Honra o teu pai e a tua mãe, como te ordenou o SENHOR, teu Deus, a fim de prolongares os teus dias e viveres feliz na terra que o SENHOR, teu Deus, te há-de dar.

Atenção: Vejam se encontram no texto: Culto, sinagoga, rezar, templo? ...

Deus está preocupado contigo, com teus filhos, com os escravos, com o boi, com o jumento, com o estrangeiro, com o oprimido. E é preciso que tu, Israel, te lembres (memória), não te esqueças que já foste escravo na terra do Egito. Não faças agora o que não desejaste que te fizessem a ti. Faz agora o que desejaras que fizessem a ti. Todas as semanas faz memória desse tempo. Honra teu pai e tua mãe. Não descanses só tu. Dá liberdade ao escravo e oprimido pelo menos uma vez por semana. Portanto, não se trata só de descanso físico, mas de reposição da dignidade humana. Deus mostra-se preocupado com os últimos...

Tantas e tantas vezes Jesus de Nazaré desobedeceu ao **Shabat** (sábado) ritualista, porque havia perversão do sentido divino do **Shabat**. Jesus leu e levou “a sério” a Escritura, não a ritualidade vazia imposta pelos homens.

II – Para o **Shabat** do 7º ano

Está em Êxodo 23, 10-13

¹⁰Durante seis anos semearás a tua terra e colherás o seu produto. ¹¹No sétimo ano, porém, deixá-la-ás em pousio e abandoná-la-ás; os pobres do teu povo comerão, e os animais do campo comerão o que restar. Farás do mesmo modo para a tua vinha, para o teu olival. ¹²Durante seis dias farás os teus afazeres, mas no sétimo dia deixarás de trabalhar, para que descansem o teu boi e o teu jumento, e tomem fôlego o filho da tua serva e o estrangeiro residente. ¹³Guardareis tudo o que vos disse. Do nome de outros deuses não fareis menção: não se oiça na vossa boca.

O que aqui está em causa é uma única preocupação: que os pobres tenham de comer. Um claro **não** à lógica do juntar, do amearhar, do guardar. E Deus tem a preocupação de todos, incluindo os animais. Também, Deus não se está a referir a um pousio generalizado de toda a terra de Israel. Se eu recebi uma terra há seis anos, devo-a deixar em pousio no 7º ano. Mas se só a recebi há 4 anos, continuo a cultivá-la até ao fim do 6º ano. Depois ficará em pousio. Com esta lógica, haverá todos os anos terra cultivada por donos e terra em pousio para os não donos. Todos têm de comer todo o ano e todos os anos. É Deus a pôr a mesa aos últimos, aos deserdados.

III – Para o **Shabat** do 50º ano – o ano do JUBILEU.

O texto deste mandato divino está em Levítico 25, 8-23

⁸«Contarás sete semanas de anos, isto é, sete vezes sete anos; de forma que a duração de estas sete semanas de anos corresponderá a quarenta e nove anos. ⁹Depois, farás ressoar fortemente a trombeta, no décimo dia do sétimo mês. No dia do grande Perdão, fareis ressoar o som da trombeta através de toda a vossa terra. ¹⁰Santificareis o quinquagésimo ano, proclamando na vossa terra a liberdade de todos os que a habitam. Este ano será para vós um Jubileu; cada um de vós voltará à sua propriedade, e à sua família. ¹¹O quinquagésimo ano é o ano do Jubileu: não sementeis, não colhereis do que cresce espontaneamente, nem vindimareis as vinhas que não foram podadas. ¹²Porque é o Jubileu, deve ser uma coisa santa para vós e comereis o produto dos campos. ¹³Neste Jubileu, cada um de vós recobrará a sua propriedade. ¹⁴Quando fizeres uma venda ao teu próximo, ou se comprares alguma coisa, não vos prejudiqueis um ao outro. ¹⁵Farás essa compra ao próximo, tendo em conta os anos decorridos depois do Jubileu, e ele fará essa venda tendo em conta os anos das colheitas. ¹⁶Conforme os anos forem mais ou menos numerosos, assim tu pagarás mais ou menos pelo que adquirires, porque é um número de colheitas que ele te vende. ¹⁷Não vos prejudiqueis uns aos outros. Teme o teu Deus, porque Eu sou o SENHOR, vosso Deus.» ¹⁸«Cumprí as minhas leis, guardai os meus preceitos; ponde-os em prática para habitardes em segurança na terra. ¹⁹A terra dará os seus frutos, com os quais vos sustentareis abundantemente, e nela residireis em segurança. ²⁰*Se disserdes: 'Que comeremos no sétimo ano, pois não podemos semear nem colher as nossas colheitas?' ²¹Então, Eu vos concederei a minha bênção no sexto ano, de tal forma que produzirá a colheita de três anos; ²²e quando semeardes no oitavo ano, comereis da colheita anterior até ao nono ano. Até que se proceda à sua colheita, vivereis da anterior.» ²³«Nenhuma terra será vendida definitivamente porque a terra pertence-me, e vós sois apenas estrangeiros e meus hóspedes.

Percebamos a força extraordinária deste texto. Vejamos se em qualquer parte se fala em culto, em rezar, em ter de ir à igreja, etc. Não vemos o nosso Deus autocentrado sobre si. O nosso Deus não é carente. É todo Amor que nos quer tão bem!

Fala-se do dia do grande perdão, o dia o **Yom Kipur**.

Devemos louvar, sim, o nosso Deus pelo que Ele nos quer e nos diz para fazer.

Quem eram os últimos dos últimos? Os que tinham perdido as casas, as terras, por razão das suas dívidas, da incapacidade de pagar os impostos. Por isso mesmo, eram conduzidos à situação de propriedade dos senhores, dos credores. A sua dignidade era equivalente à dos animais.

O nosso Deus, o Senhor, no ano do Jubileu, quer restaurar toda a dignidade humana ao ser mais importante da Sua Criação: o Homem. Cada qual recuperará a sua casa, a sua terra. Nenhuma terra será vendida definitivamente. A terra é minha, diz o Senhor. Vós sois, apenas, os meus hóspedes.

Que projeto extraordinário transformado em programa de vida por Jesus de Nazaré!

O ano do Jubileu é isto!...

O povo bíblico e o povo cristão nunca cumpriram isto na plenitude. Muito longe disso. Inequivocamente o Mandamento de Deus é que sejamos todos iguais. É o sonho do nosso Deus. Mas, nem sequer um pouco desse mandamento o povo bíblico e nós, cristãos, cumprimos.

Recordemos:

De 7 em 7 dias – todos livres todos iguais... que sonho!!!

De 7 em 7 anos – todos a poderem dispor de terra para se alimentar (servos, escravos, estrangeiros, oprimidos) sem a necessidade da boa vontade do senhor rico, do “dono”;

De 50 em 50 anos - todos a poderem recuperar as terras e as casas que perderam por impossibilidade de pagamento de dívidas, etc... Diz o Senhor: “As terras são minhas. Tendes de aprender a viver como iguais”

Concluindo:

Quando é que passamos, como cristãos batizados, de uma Fé infantil para uma Fé adulta e a propósito da palavra **CONVERTER/CONVERSÃO** (vide *Formação de leitores nº 3 – Escalas III e IV – 16.12.2021 em <https://paroquiavilarandorinho.pt/formacao-de-leitores-2021-2022/>)?*

Quando deixamos de ser proto-cristãos como o eram os judeus (obviamente não cristãos), dos séculos anteriores a Jesus de Nazaré?

Quando deixamos de privilegiar a ritualidade da Quaresma, para além do essencial, e damos lugar à vivência plena e alegre do Jesus Ressuscitado no período Pascal?

Quando vivenciamos em plenitude (7 semanas de 7 dias) - o Tempo Pascal - desde o dia da Ressurreição ao dia do Pentecostes?

Páscoa não é um dia. É o programa de cada cristão convertido a Jesus de Nazaré.

Quatro notas finais:

1. Percebamos bem o que está na oração do Pai-nosso:
Lc⁴perdoa os nossos pecados, pois também nós perdoamos a todo aquele que nos ofende,
Mt ...¹²perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores, ...
2. Como dissemos acima, **jubileu** deriva da palavra hebraica **yovel** que significa carneiro e está associada ao chifre usado como corneta para anunciar o ano do **Jubileu**. As nossas igrejas estão cheias de anjos e anjinhos nos altares com uma corneta. Que esta liturgia estética nos ajude a perceber e a praticar o mandato divino, não só de 7 em sete dias, de 7 em 7 anos ou de 25 ou 50 anos, mas sempre!!
3. Após o ano 1475 e por decisão do Papa Sisto IV, a periodicidade dos jubileus passou a ser de 25 em 25 anos;
4. Começemos desde já a preparar o **Jubileu de 2025** desejado pelo Papa Francisco.



CARTA DO PAPA FRANCISCO AO ARCEBISPO RINO FISICHELLA PELO JUBILEU 2025

*Ao amado Irmão
Arcebispo RINO FISICHELLA
Presidente do Pontifício Conselho
para a Promoção da Nova Evangelização*

O Jubileu representou sempre na vida da Igreja um acontecimento de grande relevância espiritual, eclesial e social. Desde que Bonifácio VIII, em 1300, instituiu o primeiro Ano Santo – com recorrência centenária, passando depois, segundo o modelo bíblico, a quinquentenária e por fim fixada de vinte e cinco em vinte e cinco anos –, o fiel e santo povo de Deus viveu esta celebração como um dom especial de graça, caracterizado pelo perdão dos pecados e, em particular, pela indulgência, expressão plena da misericórdia de Deus. Os fiéis, frequentemente no final duma longa peregrinação, dessedentam-se no tesouro espiritual da Igreja atravessando a Porta Santa e venerando as relíquias dos Apóstolos Pedro e Paulo guardadas nas Basílicas romanas. Milhões e milhões de peregrinos, ao longo dos séculos, vieram até estes lugares sagrados dando vivo testemunho da fé de sempre.

O Grande Jubileu do ano 2000 introduziu a Igreja no terceiro milénio da sua história. Tanto o aguardou e desejou São João Paulo II, com a esperança de que todos os cristãos, superadas as divisões históricas, pudessem celebrar juntos os dois mil anos do nascimento de Jesus Cristo, o Salvador da humanidade. Agora

aproxima-se a meta dos primeiros vinte e cinco anos do século XXI, e somos chamados a realizar uma preparação que permita ao povo cristão viver o Ano Santo em todo o seu significado pastoral. Neste sentido, constituiu uma etapa significativa o Jubileu Extraordinário da Misericórdia, que nos permitiu redescobrir toda a força e ternura do amor misericordioso do Pai a fim de, por nossa vez, sermos testemunhas do mesmo.

Mas, nos últimos dois anos, não houve nação que não tenha sido transtornada pela inesperada epidemia que, além de nos ter feito tocar de perto o drama da morte na solidão, a incerteza e o caráter provisório da existência, modificou o nosso modo de viver. Como cristãos, sofremos juntamente com todos os irmãos e irmãs os mesmos sofrimentos e limitações. As nossas igrejas estiveram fechadas, bem como as escolas, as fábricas, os escritórios, as lojas e os locais dedicados ao tempo livre. Todos vimos algumas liberdades limitadas e a pandemia, além do sofrimento, por vezes suscitou no íntimo de nós mesmos a dúvida, o medo, a perplexidade. Os homens e mulheres de ciência encontraram, com grande celeridade, um primeiro remédio que permite regressar pouco a pouco à vida quotidiana. Temos plena confiança de que a epidemia possa ser superada e o mundo volte a ter os seus ritmos de relações pessoais e de vida social. Isto será conseguido mais facilmente se agirmos com solidariedade efetiva de modo que não sejam negligenciadas as populações mais carentes, mas se possa partilhar com todos quer as descobertas da ciência quer os medicamentos necessários.

Devemos manter acesa a chama da esperança que nos foi dada e fazer todo o possível para que cada um recupere a força e a certeza de olhar para o futuro com espírito aberto, coração confiante e mente clarividente. O próximo Jubileu poderá favorecer imenso a recomposição dum clima de esperança e confiança, como sinal dum renovado renascimento do qual todos sentimos a urgência. Por isso escolhi o lema *Peregrinos de esperança*. Entretanto tudo isto será possível se formos capazes de recuperar o sentido de fraternidade universal, se não fecharmos os olhos diante do drama da pobreza crescente que impede milhões de homens, mulheres, jovens e crianças de viverem de maneira digna de seres humanos. Penso de modo especial nos inúmeros refugiados forçados a abandonar as suas terras. Que as vozes dos pobres sejam escutadas neste tempo de preparação para o Jubileu que, segundo o mandamento bíblico, restitui a cada um o acesso aos frutos da terra: «O que a terra produzir durante o seu descanso, servir-vos-á de alimento, a ti, ao teu escravo, à tua serva, ao teu jornaleiro e ao inquilino que vive contigo. Também o teu gado, assim como os animais selvagens da tua terra, poderão alimentar-se com todos esses frutos» (Lv 25, 6-7).

Por conseguinte, que a dimensão espiritual do Jubileu, que convida à conversão, se combine com estes aspetos fundamentais da vida social, de modo a constituir uma unidade coerente. Sentindo-nos todos peregrinos na terra onde o Senhor nos colocou para a cultivar e guardar (cf. Gn 2, 15), não nos desleixemos, ao longo do caminho, de contemplar a beleza da criação e cuidar da nossa casa comum. Almejo que o próximo Ano Jubilar seja celebrado e vivido também com esta intenção. Com efeito, um número cada vez maior de pessoas, incluindo muitos jovens e adolescentes, reconhece que o cuidado da criação é expressão essencial da fé em Deus e da obediência à sua vontade.

Confio-te, amado Irmão, a responsabilidade de encontrar as formas adequadas para que o Ano Santo possa ser preparado e celebrado com fé intensa, esperança viva e caridade operosa. O Dicastério que promove a nova evangelização saberá fazer deste momento de graça uma etapa significativa na pastoral das Igrejas Particulares, latinas e orientais, que nestes anos são chamadas a intensificar o empenho sinodal. Nesta perspetiva, a peregrinação rumo ao Jubileu poderá reforçar e exprimir o caminho comum que a Igreja é chamada a empreender para ser, cada vez mais e melhor, sinal e instrumento de unidade na harmonia das diversidades. Será importante ajudar a redescobrir as exigências da vocação universal à participação responsável, valorizando os carismas e ministérios que o Espírito Santo não cessa jamais de conceder para a construção da única Igreja. As quatro Constituições do Concílio Ecuménico Vaticano II, juntamente com o magistério destes decénios, continuarão a orientar e guiar o santo povo de Deus, a fim de que progrida na missão de levar a todos o jubiloso anúncio do Evangelho.

Como é costume, a Bula de Promulgação, que será emanada no devido tempo, conterá as indicações necessárias para celebrar o Jubileu de 2025. Neste tempo de preparação, desde já me alegra pensar que se poderá dedicar o ano anterior ao evento jubilar, o 2024, a uma grande «sinfonia» de oração. Oração, em

primeiro lugar, para recuperar o desejo de estar na presença do Senhor, escutá-Lo e adorá-Lo. Oração, depois, para agradecer a Deus tantos dons do seu amor por nós e louvar a sua obra na criação, que a todos compromete no respeito e numa ação concreta e responsável em prol da sua salvaguarda. Oração, ainda, como voz de «um só coração e uma só alma» (cf. At 4, 32), que se traduz na solidariedade e partilha do pão quotidiano. Oração, além disso, que permita a cada homem e mulher deste mundo dirigir-se ao único Deus, para lhe expressar tudo o que traz no segredo do coração. E oração como via mestra para a santidade, que leva a viver a contemplação inclusive no meio da ação. Em suma, um ano intenso de oração, em que os corações se abram para receber a abundância da graça, fazendo do «Pai Nosso» – a oração que Jesus nos ensinou – o programa de vida de todos os seus discípulos.

Peço à Virgem Maria que acompanhe a Igreja no caminho de preparação para o acontecimento de graça que é o Jubileu e, agradecido, envio-te de coração, a ti e aos colaboradores, a minha Bênção.

Roma, São João de Latrão, na Memória de Nossa Senhora de Lurdes, 11 de fevereiro de 2022.

Francisco

Bíblia: Os números do amor

É sabido o quanto é relevante para as Escrituras a simbologia numérica; pense-se que só o Apocalipse encastoa nas suas páginas 283 números cardinais, ordinais e fracionais. Também nós, de forma livre, na onda da tradição judaica e cristã, desejamos identificar alguns números significativos do amor. Trata-se, na verdade, de curiosas equações que se remetem mutuamente. Apontaremos quatro que se combinam idealmente em par.

Primeira equação: de 7 a 77. Encontramo-nos no polo antitético do espectro ideal do amor: trata-se, com efeito, dos números do ódio, exaltados com veemência por Lamec no seu terrível canto da violência em espiral, da espada sempre ensanguentada: «Matei um homem porque me feriu, e um rapaz porque me pisou. Se Caim foi vingado 7 vezes, Lamec sê-lo-á 70x7» (Gênesis 4, 23-24).

Estamos perante a vingança sem limites e sem a paridade ofensa-pena que, como veremos, introduzirá a lei de Talião. É a fratura de todo o equilíbrio social. Ao juízo pleno e severo sobre o delito de Caim (sete vezes) opõe-se - novamente através do recurso ao número da plenitude, mas de forma exasperada - o excesso vindicativo (77 vezes).

Segunda equação: de 7 a 70x7. Movemo-nos agora para o extremo oposto do espectro, o positivo do amor total, incarnado no perdão cristão. Diante de Pedro que propõe para o perdão o 7 da plenitude («Quantas vezes devo perdoar o meu irmão se pecar contra mim? Até 7 vezes?»), Jesus replica introduzindo um número que tente para o infinito, sempre na linha do setenário: «Não te digo até 7, mas até 70x7» (Mateus 18, 21-22). É evidente a referência, ainda que por contraste, à equação de Lamec: no amor, às 7 vezes de Pedro opõe-se as 70x7 vezes de Cristo, ilustradas depois pela parábola dos dois devedores, onde outra equação numérica ilustra a formulada no princípio geral: aos 100 denários confrontam-se os 10.000 talentos (Mateus 18, 23-35).

Exalta-se, por um lado, a justiça, que deve ter o seu rigor e a sua plenitude, expressa através do 3 e do 4, números que no cálculo simbólico devem ser somados para atingir o 7. Mas, por outro lado, a impor-se em toda a sua grandeza está, em hebraico, o "hesed", ou seja, o amor generoso e fiel que não conhece fronteiras e é infinito

Terceira equação: de 1 a 1. Esta não é explícita mas subjacente à chamada lei de Talião, vocábulo modelado pelo latim "talis": tal a culpa, tal a pena. Lê-se, com efeito, no livro do Êxodo: «Vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé, queimadura por queimadura, ferida por ferida, contusão por contusão» (21, 23-25). A dureza da formulação exemplificativa pode encobrir o evidente progresso que se regista relativamente à equação de Lamec. Na realidade agora temos a codificação da justiça distributiva e é um passo relevante para uma melhor normativa jurídica.

Positivamente poder-se-ia transcrever esta lei pensado precisamente no preceito de amar o próximo como a si mesmo (de 1 a 1 também neste caso). Ou na chamada "regra de ouro" presente no livro de Tobite: «Aquilo que não queres para ti, não o faças aos outros» (4, 15). No Talmude, este preceito aparece nesta frase apaixonada: «Não fazer ao próximo teu aquilo que te é odioso: esta é toda a Lei, o resto é só explicação». Jesus transformá-la-á em chave explicitamente positiva: «O que quiserdes que vos façam os homens, fazei-o também a eles, porque isto é a Lei e os Profetas» (Mateus 7, 12).

Quarta equação: de 3/4 a 1000. É o superamento da equação de Talião, cujo valor de justiça permanece mas é excedida pela lógica superior do amor. É o que é aplicado ao agir de Deus seja no Decálogo (Êxodo 20, 5-6), seja na autorrevelação do Sinai, «o bilhete de identidade bíblico de Deus», como definiu Albert Gelin (Êxodo 34, 6-7). Citamos integralmente apenas a fórmula decalógica mais esquemática: «Eu, o Senhor, sou o teu Deus, um Deus cioso que pune a culpa dos pais nos filhos até à 3.^a e 4.^a geração para aqueles que me odeiam, mas que demonstra o seu amor fiel até às 1000 gerações para aqueles que me amam e observam os meus mandamentos». Noutro passo o amor misericordioso divino é ainda mais marcado: «O Senhor, o Senhor, Deus misericordioso e gracioso, lento para a ira e rico de amor e fidelidade, que conserva o seu amor por 1000 gerações e perdoa a culpa, a rebelião e o pecado».

Através da linguagem "geracional" (destinada a sublinhar o aspeto social e não exclusivamente pessoal do pecado) exalta-se, por um lado, a justiça, que deve ter o seu rigor e a sua plenitude, expressa através do 3 e do 4, números que no cálculo simbólico devem ser somados para atingir o 7. Mas, por outro lado, a impõe-se em toda a sua grandeza está, em hebraico, o "hesed", ou seja, o amor generoso e fiel que não conhece fronteiras e é infinito, porque tal é o valor do número 1000.

Do número frio e implacável do ódio chegámos, assim, ao cume caloroso e jubiloso do amor que não conhece números mas tende para o infinito como o Deus que é amor (cf. 1 João 4, 8.16). A quem seguir esta equação repleta de amor poderá ser reservada a bem-aventurança de Ben Sira: «Felizes aqueles que adormeceram no amor» (48, 11).

[Cardeal Gianfranco Ravasi | Presidente do Conselho Pontifício da Cultura

Uma pedagogia para entrarmos no entendimento da Liturgia da Palavra.

Os Domingos VI, VII e VIII do Tempo Comum, levam-nos pelo capítulo 6 de Lucas adentro. Mas aparecem-nos “às fatias” e passado uma semana não recordamos a anterior. Como leitores, temos o dever de serviço de entender o enquadramento da Palavra para bem ler e interpretar as leituras do Antigo e do Novo Testamento que proclamamos.

Faz, pois, sentido pegar em todo o capítulo 6 de Lucas e relê-lo antes de cada um destes Domingos.

Duas notas:

Sempre que no NT nos aparece **ENTÃO**, é urgente e obrigatório ler o que vem antes. Caso contrário nada percebemos;

Sempre que no NT nos aparece **MAS**, fica o alerta para o que vem a seguir pois é muito importante.

Lc 6, 12-45

Texto do Evangelho de Lucas que antecede o texto proclamado no Domingo VI do Tempo Comum

¹²Naqueles dias, Jesus foi para o monte fazer oração e passou a noite a orar a Deus.¹³Quando nasceu o dia, convocou os discípulos e escolheu doze dentre eles, aos quais deu o nome de Apóstolos: ¹⁴*Simão, a quem chamou Pedro, e André, seu irmão; Tiago, João, Filipe e Bartolomeu; ¹⁵*Mateus e Tomé; Tiago, filho de Alfeu, e Simão, chamado o Zelote; ¹⁶*Judas, filho de Tiago, e Judas Iscariotes, que veio a ser o traidor.

Evangelho do Domingo VI – Tempo Comum

Então, ¹⁷Descendo com eles, deteve-se num sítio plano, juntamente com numerosos discípulos e uma grande multidão de toda a Judeia, de Jerusalém e do litoral de Tiro e de Sídon, ¹⁸que acorrera para o ouvir e ser curada dos seus males. Os que eram atormentados por espíritos malignos ficavam curados; ¹⁹e toda a multidão procurava tocar-lhe, pois emanava dele uma força que a todos curava. ²⁰Erguendo os olhos para os discípulos, pôs-se a dizer:

«Felizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus.

^{21*}Felizes vós, os que agora tendes fome, porque sereis saciados.

Felizes vós, os que agora chorais, porque haveis de rir.

²²Felizes sereis, quando os homens vos odiarem, quando vos expulsarem, vos insultarem e rejeitarem o vosso nome como infame, por causa do Filho do Homem.

^{23*}Alegrai-vos e exultai nesse dia, pois a vossa recompensa será grande no Céu. Era precisamente assim que os pais deles tratavam os profetas».

²⁴«Mas ai de vós, os ricos, porque recebestes a vossa consolação!

²⁵Ai de vós, os que estais agora fartos, porque haveis de ter fome!

Ai de vós, os que agora rides, porque gemereis e chorareis!

²⁶Ai de vós, quando todos disserem bem de vós! Era precisamente assim que os pais deles tratavam os falsos profetas».

Evangelho do Domingo VII – Tempo Comum

Mas Eu ²⁷«Digo-vos, porém, a vós que me escutais: Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, ²⁸abençoi os que vos amaldiçoam, rezai pelos que vos caluniam. ^{29*}A quem te bater numa das faces, oferece-lhe também a outra; e a quem te levar a capa, não impecas de levar também a túnica. ³⁰Dá a todo aquele que te pede e, a quem se apoderar do que é teu, não lho reclames. ^{31*}O que quiserdes que os outros vos façam, fazei-lho vós também. ^{32*}Se amais os que vos amam, que agradecimento mereceis? Os pecadores também amam aqueles que os amam. ^{33*}Se fazeis bem aos que vos fazem bem, que agradecimento mereceis? Também os pecadores fazem o mesmo. ³⁴E, se emprestais àqueles de quem esperais receber, que agradecimento mereceis? Também os pecadores emprestam aos pecadores, a fim de receberem outro tanto. ³⁵Vós, porém, amai os vossos inimigos, fazei o bem e emprestai, sem nada esperar em troca. Então, a vossa recompensa será grande e sereis filhos do Altíssimo, porque Ele é bom até para os ingratos e os maus. ^{36*}Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso.»³⁷«Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados. ³⁸Dai e ser-vos-á dado: uma boa medida, cheia, recalcada, transbordante será lançada no vosso regaço. A medida que usardes com os outros será usada convosco.»

Evangelho do Domingo VIII – Tempo Comum

³⁹Jesus disse-lhes ainda esta parábola: «Um cego pode guiar outro cego? Não cairão os dois nalguma cova? ^{40*}Não está o discípulo acima do mestre, mas o discípulo bem formado será como o mestre. ⁴¹Porque reparas no argueiro que está na vista do teu irmão, e não reparas na trave que está na tua própria vista? ^{42*}Como podes dizer ao teu irmão: 'Irmão, deixa-me tirar o argueiro da tua vista', tu que não vês a trave que está na tua? Hipócrita, tira primeiro a trave da tua vista e, então, verás para tirar o argueiro da vista do teu irmão.» ⁴³Não há árvore boa que dê mau fruto, nem árvore má que dê bom fruto. ⁴⁴Cada árvore conhece-se pelo seu fruto; não se colhem figos dos espinhos, nem uvas dos abrolhos. ⁴⁵O homem bom, do bom tesouro do seu coração tira o que é bom; e o mau, do mau tesouro tira o que é mau; pois a boca fala da abundância do coração.»

VII DOMINGO DO TEMPO COMUM – Ano C

LEITURA I – 1 Sam 26, 2.7-9.12-13.22-23

A primeira leitura, tirada do primeiro Livro de Samuel, faz parte de um conjunto de tradições que descrevem a história da ascensão de David ao trono (1 Sam 16 – 2 Sam 6). Neste texto, apresenta-se um episódio emblemático que precede a chegada de David ao poder. Escolhido por Deus, mas perseguido pelo ciumento rei Saul, David tem de fugir para salvar a sua vida, enquanto espera que se cumpram os desígnios

de Deus. Um dia, David tem a possibilidade de matar Saul e acabar com a perseguição; mas recusa-se a erguer a mão contra “o ungido do Senhor”. Este quadro situa-nos por volta de 1015 a.C. O livro de Samuel não é, primordialmente, um livro de história, mas um livro de teologia; assim, é impossível dizer o que é rigorosamente histórico neste conjunto de tradições e o que é catequese. Podemos dizer, a propósito do episódio que a liturgia de hoje nos propõe, que os autores deuteronomistas, responsáveis pela redação e edição da obra histórica que vai de Josué a 2 Reis, estão, sobretudo, preocupados com uma finalidade teológica: apresentar David como o rei ideal, corajoso mas de coração magnânimo, o protótipo do homem que não se afasta dos caminhos de Deus, que pela sua bondade e misericórdia atrai para si e para o seu Povo as bênçãos de Jahwéh.

Depois da assembleia se mostrar preparada a escutar, o leitor diz:	Leitura do primeiro Livro de Samuel ///
Leia o texto com calma e solenidade.	
Trata-se de um relato descritivo	Naqueles dias, / Saul, / rei de Israel, / pôs-se a caminho e desceu ao deserto de Zif / com três mil homens escolhidos de Israel, / para irem em busca de David no deserto. //
É um texto com vozes diferentes (narrador, Abisai, David); façam-se notar e ter também em conta o local onde são feitos os diálogos. Lê-se A-BI-ZAI	David e Abisai penetraram de noite no meio das tropas: // Saul estava deitado a dormir no acampamento, / com a lança cravada na terra à sua cabeceira; // Abner e a sua gente dormia à volta dele. //
Mentalidade da época, em que aos inimigos se podia fazer tudo.	Então Abisai disse a David: // « Deus entregou-te hoje nas mãos o teu inimigo. // Deixa que de um só golpe eu o crave na terra com a sua lança / e não terei de o atingir segunda vez». //
Palavras que mais tarde serão utilizadas por Jesus.	Mas David respondeu a Abisai: // « Não o mates. // Quem poderia estender a mão contra o ungido do Senhor e ficar impune?». //
Atenção às repetições.	David levou da cabeceira de Saul a lança e o cantil / e os dois foram-se embora. //
Discurso final de David, não se pode deixar cair a voz, pois é um discurso importante e também o sentido de distância que está presente no texto.	<u>Ninguém viu,</u> / <u>ninguém soube,</u> / <u>ninguém acordou.</u> / Todos dormiam, / por causa do sono profundo que o Senhor tinha feito cair sobre eles. // David passou ao lado oposto / e ficou ao longe, no cimo do monte, / de sorte que uma grande distância os separava. // Então David exclamou: // «Aqui está a lança do rei. //

	Um dos servos venha buscá-la. // O Senhor retribuirá a cada um segundo a sua justiça e fidelidade. // Ele entregou-te hoje nas minhas mãos / e eu não quis atentar contra o ungido do Senhor». ///
Após uma pausa conclui-se com tom aclamativo e a olhar a assembleia:	Palavra do Senhor

LEITURA II – 1 Cor 15, 45-49

O texto que nos é proposto como segunda leitura integra uma passagem mais ampla (cf. 1 Cor 15, 35-53), onde Paulo reflete sobre o “modo” da ressurreição. Como ressuscitarão os mortos? As crenças judaicas do tempo concebiam o mundo dos ressuscitados como uma continuação do mundo presente; no momento da ressurreição, dizia a crença judaica, todos recuperarão o corpo que tinham neste mundo. Evidentemente, tais representações não podiam ser facilmente aceites pelos espiritualistas de Corinto (recordar que, para os gregos, o corpo era uma realidade material, sensual, carnal, que não podia ter acesso ao mundo ideal e espiritual).

Que pensa Paulo de tudo isto? Ainda que saiba estar a mover-se num terreno misterioso, Paulo não se esquiva à questão e apresenta uma série de reflexões que podem ser clarificadoras para os seus interlocutores coríntios.

Depois de a assembleia se mostrar preparada a ouvir, diz:	Leitura da primeira Epístola do apóstolo São Paulo aos Coríntios ///
Evite-se deixar cair a voz nos finais de frase. A pressa é inimiga da perfeição, por isso, leia pausadamente e com firmeza.	Irmãos: // O primeiro homem, / Adão, / foi criado como um ser vivo; / o último Adão tornou-se um espírito que dá vida. //
Atenção as sucessivas repetições, é necessário realçá-las.	O primeiro não foi o espiritual, mas o natural; / depois é que veio o espiritual. //
É necessário também, sublinhar esta forma de texto em que existe tese e antítese.	O primeiro homem, tirado da terra, é terreno; / o segundo homem veio do Céu. //
Dar relevo às frases que se referem a Cristo, o último Adão, o segundo homem, o homem que veio do Céu.	O homem que veio da terra / é o modelo dos homens terrenos: // o homem que veio do Céu / é o modelo dos homens celestes. //
Nós devemos ser vistos à imagem do homem celeste.	E assim como trouxemos em nós a imagem do homem terreno, / procuraremos também em nós a imagem do homem celeste. ///
Depois de uma pausa conclui-se com tom aclamativo e olhando a assembleia:	Palavra do Senhor.

VIII DOMINGO DO TEMPO COMUM – Ano C

LEITURA I – Sir 27, 4-7

O livro de Ben Sira (Eclesiástico) aparece no início do séc. II a.C., durante o domínio selêucida. É uma época em que o helenismo procura impor-se com alguma agressividade, pondo em causa a identidade do Povo de Deus. Jesus Ben Sira, o autor deste livro, estava preocupado com a degradação dos valores tradicionais do seu Povo; escreveu este compêndio de “sabedoria” para defender o património cultural e religioso de Israel e para demonstrar aos seus compatriotas que Israel possuía na “Torah”, revelada por Deus, a verdadeira “sabedoria” – uma “sabedoria” muito superior à “sabedoria” grega.

O texto que a liturgia de hoje nos propõe é um exemplo clássico da reflexão sapiencial. Apresenta-nos uma máxima que, como todas as máximas da reflexão sapiencial, é deduzida da experiência prática e da própria reflexão (“não elogies ninguém antes de ele falar”); o fim desta máxima é orientar o comportamento do homem, preservando-o do insucesso, do fracasso, dos comportamentos e dos juízos errados.

Depois de estar garantida a atenção da assembleia, lê-se o título do texto	Leitura do Livro de Ben-Sirá ///
Ler com calma cada frase, duas a duas, respeitando muito bem as pausas indicadas. Ler as palavras a negrito separadamente, não juntando as vogais.	Quando agitamos o crivo, só ficam impurezas: / assim os defeitos do homem aparecem nas suas palavras. // O forno prova os vasos do oleiro, / e o homem é posto à prova pelos seus pensamentos. // O fruto da árvore manifesta a qualidade do campo: / assim as palavras do homem revelam os seus sentimentos. // Não elogies ninguém antes de ele falar, / porque é assim que se experimentam os homens. ///
Com tom solene e aclamativo, olhando a assembleia, convidando-a a responder.	Palavra do Senhor

LEITURA II – 1 Cor 15, 54-58

Este texto conclui a catequese que temos vindo a ver nos quatro últimos domingos sobre a ressurreição. Consultado pelos coríntios – preocupados com a aparente impossibilidade de o corpo, sensual e material, ter acesso à vida plena com Deus – acerca da ressurreição, Paulo desenvolve a sua catequese sobre essa questão polémica. Aqui, fica bem patente a dificuldade do cristianismo (de raiz judaica e formulado inicialmente de acordo com a linguagem e os valores judaicos) em adaptar-se a uma realidade diferente – a realidade da cultura e dos valores helénicos.

Depois de estar garantida a atenção da assembleia, lê-se o título do texto	Leitura da Primeira Epístola do Apóstolo São Paulo aos Coríntios ///
<p>Atenção às perguntas: dar o tom devido de quem pergunta ou se questiona sobre algo. <i>Ler a frase a itálico devagar, pois é muito longa.</i></p> <p><u>Na frase a sublinhado</u> mudar o tom de voz lendo mais devagar.</p> <p>Nos «Ó» demorar-se ligeiramente e com mais volume na voz, diminuindo logo na palavra seguinte.</p>	<p>Irmãos: //</p> <p><i>Quando este nosso corpo corruptível se tornar incorruptível e este nosso corpo mortal se tornar imortal, /</i> então se realizará a palavra da Escritura: «<u>A morte foi absorvida na vitória.</u> /</p> <p>Ó morte, / onde está a tua vitória? /</p> <p>Ó morte, / onde está o teu aguilhão?». //</p> <p>O aguilhão da morte é o pecado, / e a força do pecado é a Lei. //</p> <p>Mas dêmos graças a Deus, / que nos dá a vitória por Nosso Senhor Jesus Cristo. //</p> <p>Assim, caríssimos irmãos, / permaneci firmes e inabaláveis, / cada vez mais diligentes na obra do Senhor, / sabendo que o vosso esforço não é inútil no Senhor. ///</p>
Com tom solene e aclamativo, olhando a assembleia, convidando-a a responder.	Palavra do Senhor